

**Maxakalisaurus topai:  
a importância que o paleovertebrado representou para os  
acervos museológicos**

**Maxakalisaurus topai:  
the importance that paleovertebrate represented for  
museum collections**

Gabriel de Almeida Martins<sup>1</sup>  
Juliana Souza Gomes<sup>2</sup>  
Úrsula Gomes Rosa Maruyama<sup>3</sup>

DOI 10.26512/museologia.v10i19.30569

**Resumo**

O presente trabalho destaca a representatividade do *Maxakalisaurus topai* (*Dinoprata*) inserido no cenário museológico brasileiro. Paralelamente ao significado do fóssil descoberto em território nacional é articulada a educação patrimonial, que se insere como instrumento de sensibilização para o patrimônio paleontológico, implantando a discussão sobre o campo do aprendizado e o lúdico. O debate se amplia para a comunicação do museu – sociedade, apresentando narrativas “vivas” que perpetuam as histórias dos fósseis de dinossauros a um processo educativo. A metodologia aplicada para a pesquisa foi realizada através da revisão bibliográfica e análise descritiva.

**Palavras-chave**

*Maxakalisaurus topai*. Dinossauro. Museu. Educação. Patrimônio.

**Abstract**

The present work highlights the representativeness of *Maxakalisaurus topai* (*Dinoprata*) inserted in the Brazilian museological scenario. In parallel to the significance of the fossil discovered in the national territory is articulated the heritage education, which is inserted as an instrument of awareness to the paleontological heritage, implementing the discussion on the field of learning and playfulness. The debate expands to museum-society communication, presenting "living" narratives that perpetuate the stories of dinosaur fossils to an educational process. The methodology applied for the research was carried out through literature review and descriptive analysis.

**Keywords**

*Maxakalisaurus topai*. Dinosaur. Museum. Education. Patrimony.

**Introdução**

A Era Mesozoica<sup>4</sup> proporcionou a base dos estudos relativos à chamada “era dos dinossauros”, retratando como um momento importante para a consolidação dos paleovertebrados encontrados durante o período Triássico, Jurássico e Cretáceo<sup>5</sup>. Os dinossauros nos deixaram um patrimônio através de

1 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro. gabriel-dealmeida07@gmail.com

2 Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. julianasouzag28@gmail.com

3 Doutora em Ciência da Informação pelo Ibict/UFRJ. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. maruyama.academic@hotmail.com

4 A Era que se formou entre 245 e 65 milhões de anos atrás (Norman, 2011).

5 Blount et al. (2008) retratam que o período Triássico está aproximadamente entre 245 a 200 milhões de anos atrás, o Jurássico corresponde entre 200 a 144 milhões de anos atrás e o Cretáceo é formado de 144 a 65 milhões de anos atrás. Esses períodos foram delimitados por geólogos através de tipos específicos de rochas e, também, com conteúdo fóssil, quando encontrados. É importante salientar que os períodos não têm durações equivalentes, com isso, nunca foram capazes de medir com grande precisão a passagem de

seus fósseis, nesse caso, uma herança de grande valor através de milhões de anos atrás (NORMAN, 2011).

Os primeiros fósseis descobertos foram fotografados por Robert Plot em 1677 e depois por Richard Brookes em 1763 (KELLNER; CAMPOS, 2000). Porém, foram registrados cientificamente e catalogados pelo pesquisador Gideon Algernon Mantell, em 1822 (MANTELL, 1822) pelos estudos que compunham os dinossauros *Iguanodon* e *Hylaeosaurus* (KELLNER; CAMPOS, 2000). No período que Mantell (1822) descobria os fósseis, não havia registro ou nomes científicos para os animais que achava, foi apenas em 1842, pelo anatomista Richard Owen (1842), que a palavra “dinossauro” surgiu, sendo representada por “lagartos terríveis” (OWEN, 1842; KELLNER; CAMPOS, 2000). Pelo registro de Mantell (1822), se pode apontar que estes fósseis foram fundamentais para iniciar pesquisas no campo da paleontologia.

Tanto Norman (2011) como Anelli (2010) retratam a dificuldade de encontrar um paleovertebrados. As criaturas terrestres têm chances menores de serem fossilizadas, isso se deve ao fato que um “animal” quando morre, tende a ser consumido e reciclado (ANELLI, 2010; NORMAN, 2011). Nessas raras circunstâncias em que são fossilizados podem ter sido enterrados por uma tempestade de areia, deslizamento de lama, cinzas vulcânicas ou alguma catástrofe natural.

Neste contexto, a história e memória dos fósseis se projetam para o patrimônio cultural paleontológico, as dificuldades de suas descobertas e sua forma de se conectar com o presente como animais extintos que aguçam a imaginação do público que observa no museu, ou seja, registros fósseis que deixaram um legado e que atualmente fazem refletir como o mundo era na pré-história. O museu se transforma em um elo fundamental nessa ligação entre passado e presente, transformando e criando um “mundo” da fantasia que desperta a curiosidade entre todas as idades (MARTINS; SILVA, 2020).

No que se sucede, retrata-se a importância do *Maxakalisaurus topai* nesse cenário, um dinossauro descoberto em território brasileiro, mais especificamente em Minas Gerais. Herbívoro que viveu no período cretáceo e que por seu descobrimento ser próximo à cidade de Prata (MG) foi apelidado de Dinoprata (MACHADO et al, 2013; DUMAS; NESSIMIAN, 2019). É de suma importância retratar o Dinoprata, uma descoberta brasileira que por muitos anos conduziu o imaginário e foi peça importante para educação dentro do Museu Nacional no Rio de Janeiro.

Os fósseis além de educar, refletem o patrimônio natural, pois “o fóssil é o resto de um organismo ou vestígio da sua atividade, preservado de forma natural para além do tempo expectável para a sua decomposição” (MATEUS, 2020: 143). As características fósseis adquirem também dimensões culturais, carregando as experiências humanas e podem se tornar elementos de sensibilização patrimonial (MATEUS, 2020).

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a importância do *Maxakalisaurus topai* como instrumento de sensibilização ao patrimônio fóssil, como objeto de valorização e divulgação através da educação patrimonial. A partir dele, novas perspectivas poderão ser representadas, retratando assim o museu como um local de educação e de uma narrativa “viva” através dos dinossauros. Com isso, o procedimento metodológico utilizado foi realizado através de revisão bibliográfica e análise descritiva.

## **A representação do fóssil como objeto de educação (passado, presente e futuro)**

As exposições de paleontologia dentro do museu de história natural não são uma novidade. A presença do fóssil de dinossauro instiga a fantasia, pela sua imponência com o qual é montado e apresentado, como se estivesse vivo (ROQUE, 1990). Mas, para além do entretenimento, todo esforço pode ser em vão caso ele não cumpra sua missão, que é de instigar reflexões sociais e históricas sobre o mundo em que vivemos, conseqüentemente, nesse caso poderia gerar discussões sobre relação homem-natureza. A equipe que administra e/ou os profissionais responsáveis por este desenvolvimento esforçam-se para sair do lugar comum, agregando conhecimento que é duradouro e transformador (ROQUE, 1990; CURY, 2005).

Uma peça fundamental para análise das exposições que instiga a imaginação se encontra nos filmes. Consoante Name (2013), o filme tem uma narrativa que pode contemplar dias, meses, anos e séculos, e através dele o pensamento pode embarcar em um tempo muito diferente da realidade e adentrar na fantasia e no lúdico. A partir disso, quando se assiste algo relacionado à pré-história, mais especificamente aos dinossauros, a cena a qual está sendo representada pode conduzir a um tempo fora da realidade. Esta temporalidade, por sua vez, pode ser lenta, rápida, ágil, vertiginosa, “arrastada”, entre outras, dependendo como a ficção pode representar para quem observa (NAME, 2013).

Igualmente, a partir desta perspectiva, se pode perceber a importância do museu como lugar de conhecimento, que perpassa por diversos eventos da história, principalmente a pré-história, onde a fantasia e o aprendizado caminham juntos. Como salienta Norman (2011), analisar os dinossauros ajuda a humanidade (re)pensar o modo em que vive, a construir e traçar caminhos, por mais que sejam curtos. No planeta em que os seres humanos vivem, ainda existem muitos mistérios, mas através dos fósseis, a sociedade compreende o quanto é pequena comparada com a Terra e o quanto, na verdade, tem a descobrir sobre si mesma (NORMAN, 2011).

O Museu de História Natural e seus acervos nos fazem refletir de onde “nós” viemos, as gerações que nos sucederam e qual nosso olhar para o futuro. Segundo Schwarcz (1989), o início dos museus no Brasil pertencia somente a uma nomenclatura, “museu”, não havendo distinções e categorizações na sua forma de se chamar. Ocorreria uma transformação no fim do século XIX e ganharam especificidades de subdivisões internas, assim nascendo o Museu de História Natural, Museu da Humanidade, Museu Histórico Nacional, entre outros (SCHWARCZ, 1989). Com o passar dos séculos, sobretudo, a partir das constantes evoluções tecnológicas, os museus foram se adaptando, de modo a conquistar uma nova lógica e relevância. Carvalho (2005) esclarece que, com o advento da era da informação, os museus sofreram mais uma mudança, o do acervo virtual - isto, na prática, conduziu a configuração de um novo contexto, do século XXI, para estes espaços.

A tecnologia tem afetado circunstancialmente a vida na sociedade. O novo século trouxe consigo um dinamismo e mais rapidez nas informações, e a partir disso são necessários métodos inovadores para entreter e corroborar para educação nos museus (MARTINS; BARACHO; BARBOSA, 2016). Os efeitos tecnológicos surgem com um papel importante para a museologia, não somente para a exposição, mas também para os achados e descobrimentos

da paleontologia, sendo peça fundamental em torno daquilo que conhecemos sobre os dinossauros na atualidade (KELLNER, 2015; MARTINS; BARACHO; BARBOSA, 2016).

A partir do efeito do mundo mais globalizado, é nítida a capacidade da sociedade receber vários elementos ao mesmo tempo, porém, nem todos os dados que o “sujeito” recebe são importantes para seu crescimento intelectual e sua construção sobre a história que o envolve. Por isso, se faz necessário a valorização do museu e todos os componentes que o permeia, perpetuando o conhecimento científico.

Alguns museus brasileiros estão passando por problemas estruturais e faltam verbas para a cultura, sendo o museu um fator primordial para o meio cultural. Esta, indubitavelmente, se revela como parte importante na construção do indivíduo na sociedade, contribuindo, inclusive, para a criação de sua identidade<sup>6</sup>. Segundo Paula Henrique et al. (2020) “por esta razão, os museus servem viavelmente como instrumentos de sensibilização sociocultural”.

No ano de 2018 ocorreu um triste episódio na história do Museu Nacional, localizado no Rio de Janeiro. Um incêndio de grandes proporções afetou a estrutura e destruiu milhares de coleções no seu interior (sendo elas das mais variadas, como etnográfica, paleontológica, entre outras), acarretando em danos diretamente no ensino, pesquisa, educação e visitação do museu. O Dinoprata foi diretamente afetado por esse incêndio, o maior fóssil presente no acervo do Museu Nacional foi atingido em toda sua estrutura (GI, 2021).

O *Maxakalisaurus topai* foi parte integrante do Museu Nacional desde 2006. Sua primeira estrutura era de madeira (base onde era montado) e, no ano de 2017, teve severos agravos ocasionados por cupins. Sua exposição ficou paralisada até o ano de 2018, na qual foi realizada uma campanha beneficente através do portal Benfeitoria onde foram arrecadados mais de 55 mil reais para reabertura da sala do *Maxakalisaurus*.

Figura 1 – Sala *Maxakalisaurus topai* reestruturada



Fonte: Autoria própria, 2018.

6 A identidade do indivíduo na modernidade se fragmenta, ou seja, se transforma, abalando as ideias que temos de nós próprios como “sujeitos integrados”. A globalização tem impacto direto sobre a identidade cultural e a modernidade está ligada a uma forma altamente reflexiva de vida (Hall, 2004).

A figura anterior é o *Maxakalisaurus* em sua nova estrutura com a arrecadação beneficente. O fóssil foi parte integrante do estudo relacionados a paleontologia no Museu Nacional. A partir da figura representativa do Dinoprata, os fósseis (re)constituem como parte de um instrumento de sensibilização e se tornam engrenagem na solidificação da educação patrimonial.

### ***Maxakalisaurus topai* e sua herança para futuros fósseis e educação contínua no museu**

Os fósseis de dinossauros são restos de organismos vivos. Eles representam uma grande base de estudo em diferentes áreas e, quando expostos em um acervo museológico, despertam um senso crítico do visitante (KELLNER, 2015; ANELLI, 2010). É necessário fazer perceber que o fóssil exposto e divulgado pelo museu é parte importante em um patrimônio, o qual faz-se presente em uma semântica nacional, dando valor aos paleovertebrados, paleoinvertebrados e a paleobotânica encontrados no Brasil e, conseqüentemente, no mundo (KELLNER, 2005; KELLNER, 2019; ANELLI, 2010).

O patrimônio fóssil vai muito além de uma simplista ideia de preservar um animal ou outro organismo vivo que sucumbiu aos elementos climáticos da natureza. Ele revigora um significado histórico da raça humana, fazendo-se perceber que o ser humano não foi o único que esteve presente no planeta Terra como lar (DELPHIM, 2009). Cada época forma e reflete uma perspectiva de como cuidar de seu patrimônio (MENDES, 2013). Aproximadamente nos anos de 1970, o patrimônio ganha uma nova roupagem, se figurando como atrativo turístico e de lazer, fazendo gerar uma nova interlocução apropriada pelo capital (ANGELO; SIQUEIRA, 2018).

O Museu de História Natural possui um significado importante para o desenvolvimento da pesquisa científica. Como salienta Schwarcz (1989), o museu representa muito mais do que um local para “guardar objetos”, ele se constitui como um centro educacional, que transforma os itens presentes no acervo em verdadeiros significados a partir do momento que se estabelece uma relação com o público visitante.

Roque (1990) ainda retrata que cada grupo etário possui uma maneira diferente de observar as coleções que há no museu, reagindo de forma única e personalizada, de acordo com cada vivência do público. Os visitantes dos museus são heterogêneos, porém a equipe que administra procura transmitir um pensamento simples na organização da peça ou do fóssil, fazendo com que ao olhar para a exposição, o visitante possa capturar uma mensagem (IBRAM, 2017; ROQUE, 1990).

Através dessa mensagem, o presente estudo mostra uma perspectiva museológica, (re)conectando o fóssil com a visão ambivalente do patrimônio, assim, concomitantemente, gerando ainda a valorização da herança nacional. O *Maxakalisaurus topai* representa diversas características inerentes com o patrimônio, estabelecendo as formas de representação brasileira sobre a pesquisa científica e a formatação do museu em sua estrutura. Cabe ressaltar também em forma de diálogo com a sociedade o nome referente de Dinoprata (por sua descoberta na região do triangulo mineiro – Brasil), perpetuando formas de pertencimento nacional, podendo promulgar a valorização para outros acervos presentes no museu.

Os registros fósseis do *Dinoprata* encontrados no estado de Minas Gerais – Brasil, não estão mais presente na sociedade, porém, ele foi um precursor de grande significado de pertencimento do museu brasileiro. Cabe também destacar os acervos arqueológicos e etnográficos, transportando a sua história através do tempo e revivendo marcos importantes que se estruturou o território nacional.

Outrossim, pode-se destacar um fator preponderante no que tange as características da educação patrimonial. Conforme Soares *et al.* (2014), a importância de moldes e réplica de fósseis para a educação e aprendizado do patrimônio paleontológico. Salientando que

as réplicas são úteis em termos científicos, havendo a possibilidade do estudo da réplica, conservando assim o material original e possibilitando o intercâmbio entre museus e universidades. Além disso, também se mostram úteis em termos didáticos e ilustrativos, possibilitando aos alunos um aprendizado construtivista de diversos conceitos paleontológicos, tais como Evolução, Paleoecologia, Paleogeografia, Sistemática, entre outros. Professores de Ensino Fundamental e Médio têm ainda a possibilidade de relacionar os fósseis e a Biosfera, podendo focar em suas aulas um determinado ramo de estudo da Paleontologia (Paleobotânica, Paleovertebrados, Paleocnologia) (SOARES *et al.* 2014: 105).

Na figura 2, é apresentada uma réplica de dente de *Maxakalisaurus topai*, molde confeccionado pelo Museu Nacional, que o principal intuito da réplica é destacar o dinossauro cuja a característica possui uma importância para o território brasileiro. Através das réplicas e oficinas, a educação patrimonial se torna um articulador de conhecimento e valorização.

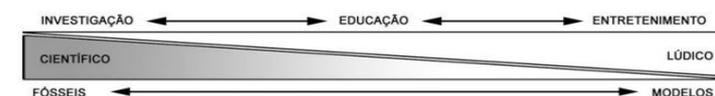
Figura 2 - Réplica de dente fossilizado do *Dinoprata*.



Fonte: Autoria própria, 2020.

Anelli (2016) destaca que as réplicas podem ser ferramentas substanciais para promover a interação dos grupos sociais, conectando os elementos já apresentados anteriormente. Paralelamente, com a educação surge também a valorização do patrimônio, abordando novas concepções e fortificando o conteúdo que é observado (além de alguns serem tangíveis). No que se sucede, novos elementos do imaginário são construídos através desses moldes, como também são facilitadores do conhecimento.

Figura 3 – Educação configurada entre a investigação e o entretenimento.



Fonte: Mateus, 2015.

A partir da figura 3, pode-se perceber como a educação tem o papel central no que delimita a investigação científica (através dos conteúdos fossilizados, bem como parte do patrimônio) e o entretenimento (representados por réplicas educativas que faz transportar para o lado lúdico). Mateus (2015: 169) difere os fósseis que “são procurados por público científico, investigadores e universitários” dos esqueletos, que permeiam “para um público mais generalista aberto às ciências naturais, e quando falamos de parques temáticos, quase sempre as actividades estão direccionadas para o público infantil”.

Deve-se ressaltar que a grande parte dos fósseis presentes nos museus (em exposição dos acervos) são estruturados por moldes, assim completando toda a estrutura presente para que o esqueleto possa estar completo. Incumbe destacar também que

a larga maioria dos dinossauros é descoberta com menos de metade do esqueleto. A parte em falta pode ser colmatada de diversas formas: i) por simetria bilateral (p.e.: com o membro direito reproduz-se o esquerdo); ii) com outros esqueletos de animais da mesma espécie (casos raros); iii) com as espécies mais próximas possíveis (sister clade); iv) por escultura interpretativa (p.e.: faltando vértebras, esculpem-se as falhas tendo em atenção a morfologia das vértebras adjacentes). Todos estes métodos visam o aumento interpretativo de um fóssil, mas elevam a possibilidade de erro inerente da interpretação. São estes a maioria dos objectos que o público observa em exposições com dinossauros (MATEUS, 2015: 168).

Através do pensamento estabelecido, pode-se observar que a montagem do fóssil é substancial para aumentar o valor interpretativo do público que observa. Porém, podem levar a erros destas mesmas interpretações sobre a forma original (realista) do dinossauro. Deve-se também destacar que essas observações podem ser mais amplamente discutidas na investigação científica, podendo o público observar os dinossauros por outra forma, como por exemplo pelos filmes e associar o dinossauro como realista da forma representada pelas produções cinematográficas.

O que cabe ser atenuado sobre esse processo de réplica é que se permite estender para outras áreas do conhecimento, assim como também para os estudos de cunho antropológico e ecológico (dentre outras áreas de estudo acerca dos acervos). Alguns museus utilizam do artifício da educação patrimonial dos fósseis, nesse processo ocorre a sensibilização e é articulado com a

importância de valorização do patrimônio. Dois museus serão destacados nessa pesquisa, o Museu de Paleontologia da UFRGS e o Museu de Geologia da Superintendência Regional de Porto Alegre do Serviço Geológico do Brasil.

Figura 4 - Estudantes confeccionando suas réplicas de fósseis na oficina do Museu de Paleontologia da UFRGS.



Fonte: Silva, 2015.

O Museu de Paleontologia da UFRGS criou um projeto no ano de 2013 que utilizava uma oficina do conhecimento que permitia jovens estudantes do Ensino Fundamental e Médio, afim de sensibilizar sobre o patrimônio paleontológico. Nessa oficina foram empregados materiais como: moldes de borracha, moldes de silicone para posterior replicagem em resina e gesso. O projeto, segundo Silva (2015), utilizou de uma montagem de “três kits de réplicas de fósseis agrupados conforme suas respectivas Eras Geológicas (Paleozoica, Mesozoica e Cenozoica). Cada kit é constituído de 18 réplicas e é acompanhado de um folheto contendo informações básicas sobre os fósseis replicados”. Ao todo, 150 alunos foram contemplados pela educação patrimonial através da oficina.

Figura 5 – Oficina Tarde no Museu.



Fonte: CPRM, 2021.

*Maxakalisaurus Topai*:

a importância que o paleovertebrado representou para os acervos museológicos

Já o Museu de Geologia da Superintendência Regional de Porto Alegre do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), promoveu uma oficina denominada como “Tarde no Museu”. Segundo a CPRM (2021, online) foi desenvolvida “atividade com pintura artística e lúdica de um kit de seis réplicas contendo garras de espinossauro e velociraptor, dentes de megalodon, um ovo de dinossauro e uma trilobita”.

### Considerações finais

A partir das perspectivas abordadas, pode-se observar o museu como um espaço de patrimônio importante para história de uma sociedade, transportando conhecimento através de suas coleções. Outro fator preponderante é observar o *Maxakalisaurus topai* como parte importante de bens patrimoniais do Brasil, valorizando o território brasileiro por suas riquezas. As réplicas e oficinas são fundamentais para a educação patrimonial na paleontologia. O Dinoprata é um símbolo fóssil descoberto em território brasileiro e, a partir dele, pode-se gerar o estudo dos fósseis com o dinossauro de nosso território.

Cabe também elucidar sobre as formas educacionais e de comunicação que o museu pode trabalhar com o seu público, por meio de réplicas que transportam os pensamentos sobre a vida na Terra e valorizando a pesquisa científica através dos fósseis. A cada vivência passada, novas perspectivas são traçadas. O fóssil do Dinoprata que era exposto no Museu Nacional não existe mais, porém, por meio dele, poderia se aplicar como um marco nas oficinas e assim valorizar o acervo museológico nacional, que através de um contexto social são únicos para todos. É importante a valorização do poder público, pois as verbas destinadas para os museus valorizam a cultura e a propagação do conhecimento científico, tanto para as gerações atuais quanto para as próximas.

### Referências

ANELLI, Luis E. *O guia completo dos dinossauros no Brasil*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2016.

ANGELO, Elis Regina Barbosa; DE SIQUEIRA, Euler David. Patrimônio Cultural na Contemporaneidade: Discussões e interlocuções sobre os campos desse saber. *Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, v. 25, n. 48, p. 51-86, 2018.

BLOUNT, Kitty. et al. *Enciclopédia dos dinossauros e a vida pré-histórica*. – [São Paulo]:Abril, 2008.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. *As transformações da relação museu e público: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual* / Rosane Maria Rocha de Carvalho. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). – Rio de Janeiro, 2005.

CPRM. Museu de geologia. Disponível em: <<https://www.cprm.gov.br/publique/Noticias/Museu-de-Geologia-promove-oficina-de-replicas-de-fosseis-para-criancas-5485.html>>. Acesso em: 12 de fev. de 2021.

CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação.* /Marília Xavier Cunha. – São Paulo:Annablume, 2005.

DE OLIVEIRA SOARES, Marcelo et al. *Percepção ambiental e Educação Patrimonial: Estudo de caso sobre a conservação do Patrimônio Paleontológico.* Revista Brasileira de Ciências Ambientais (Online), n. 33, p. 100-117, 2014.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. Patrimônio cultural e geoparque. *Revista do Instituto de Geociências – USP, Publ. espec., São Paulo, v. 5, p. 75-83, outubro 2009.*

DUMAS, Leandro Lourenco; NESSIMIAN, Jorge Luiz. New species of *Helicopsyche* von Siebold 1856 (Trichoptera: Helicopsychidae) from Brazil, including the redescription of *Helicopsyche* (*Feropsyche*) *planorboides* Machado 1957. *Zootaxa*, v. 4619, n. 2, p. zootaxa. 4619.2. 2-zootaxa, 2019.

GI. *Dinossauro de grande porte montado no Brasil.* Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2018/09/03/encontrado-em-mg-lo-dinossauro-de-grande-porte-montado-no-brasil-estava-guardado-no-museu-nacional.ghtml>>. Acesso em: 22 de mar. de 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caminhos da memória: para fazer uma exposição.* / pesquisa e elaboração do texto Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão – Brasília, DF: IBRAM, 2017.

KELLNER, Alexander Wilhelm Armin. Museus e a divulgação científica no campo da paleontologia. *Anuário do Instituto de Geociências*, v. 28, n. 1, p. 116-130, 2005.

KELLNER, Alexander Wilhelm Armin; CAMPOS, Diogenes A. Breve revisão de estudos e perspectivas sobre dinossauros no Brasil. *A. Acad. Bras. Ciênc.* Rio de Janeiro, v. 72, n. 4, p. 509-538, dezembro de 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0001-37652000000400005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0001-37652000000400005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 de mar. de 2020.

KELLNER, Alexander. O estudo dos répteis fósseis-cresce a contribuição da ciência brasileira. *Ciência e Cultura*, v. 67, n. 4, p. 32-39, 2015.

MACHADO, Elaine B; AVILLA, Leonardo Dos S; NAVA, William R; CAMPOS, Diogenes De A; KELLNER, Alexander W.A. A new titanosaur sauropod from the Late Cretaceous of Brazil. *Zootaxa*, v. 3701, n. 3, p. 301-321, 2013.

MANTELL, Gideon Algernon. *The fossils of the South Downs: or, Illustrations of the geology of Sussex.* London: L. Relfe, 1822. Disponível em: <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/97604#page/111/mode/lup>>. Acesso em 22 de agosto de 2019.

*Maxakalisaurus Topai*:

a importância que o paleovertebrado representou para os acervos museológicos

MARTINS, Cesar Eugenio MA; BARACHO, Renata Maria Abranches; BARBOSA, Cátia Rodrigues. *Os museus na era da informação: análise do uso de recursos tecnológicos*. Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto. UFMG, Belo Horizonte-MG, 2016.

MARTINS, Gabriel de Almeida; SILVA, Davi Milleli. Museu, educação e o COVID-19: uma abordagem teórica dos acervos digitais em meio ao isolamento social. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 2, n. 4, p. 55-59, 2020.

MATEUS, Simão. Exposições de Dinossauros em Portugal Comunicar Paleontologia, Métodos e Problemáticas. *Estudos em Comunicação*, v. 21, p. 165-175, 2015.

MATEUS, Simão. Fósseis: que património? In: Alice Duarte (ed.), *Seminários DEP/FLUP* vol. I. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, p. 141-167, 2020.

MENDES, J. Amado. *Estudos do património: museus e educação*, 2ª edição. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2013.

NAME, Leonardo. *Geografia pop: o cinema e o outro* / Leonardo Name. – Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio: ed. Apicuri, 2013.

NORMAN, David. *Dinossauros* / David Norman; tradução de Otavio Albuquerque. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

OWEN, R. "Report on British fossil reptiles". *Report of the British Association for the Advancement of Science*. 1842. p. 60-204. Disponível em <[https://archive.org/details/cbarchive\\_108440\\_1842reportonbritishfossilrepti9999/page/n10/mode/2up](https://archive.org/details/cbarchive_108440_1842reportonbritishfossilrepti9999/page/n10/mode/2up)>. Acesso em: 8 de ago. de 2020.

PAULA HENRIQUE, Carmem Beatriz de et al. A experiência didática dos museus para a sensibilização social no surgimento da covid-19. *Revista Ilustração*, v. 1, n. 2, p. 45-55, 2020.

ROQUE, Maria Isabel Rocha. *A comunicação no museu*. Maria Isabel Rocha Roque. Dissertação Final do Curso de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio Artístico. – Lisboa, 1990.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. *Revista brasileira de ciências sociais* - Vol. 19 n.º. 55 junho/2004.

SCHWARCZ, Lilia K.M. O Nascimento dos Museus Brasileiros (1870-1910). In: MICELI, Sérgio ... [et al.] (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. I. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989. p. 20-71.

SILVA, Lucas Guilardi da. *Réplicas de fósseis da coleção do Museu de Paleontologia da UFRGS como ferramentas didáticas na Educação Básica*. Ano 2015. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/propesq1/csce/wp-content/uploads/2014/05/R%C3%A9plicas-de-f%C3%B3sseis-da-cole%C3%A7%C3%A3o-do-Museu-de-Paleontologia-da-UFRGS-como-ferramentas-did%C3%A1ticas-na-Educa%C3%A7%C3%A3o>>

Gabriel de Almeida Martins  
Juliana Souza Gomes  
Úrsula Gomes Maruyama

-B%C3%AAsica.pdf>. Acesso em: 20 de mar. de 2021.

TRIBE, John. *Economia do lazer e do turismo*. / John Tribe; tradução (da 2. ed. original revisada) de Maria Cláudia Pires Lopes. – São Paulo: Manole, 2003.

Recebido em 08 de abril de 2020  
Aprovado em 19 de fevereiro de 2021

627

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA